

D.Arns defende Fidel Castro

HAVANA — Além da mensagem que enviou ao chanceler nicaraguense Miguel D'Escoto, apoiando sua greve de fome em protesto contra a política dos Estados Unidos para a Nicarágua, o cardeal-arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, também enviou um telegrama a Fidel Castro em apoio à sua proposta para que os países da América Latina não paguem sua dívida externa. Em mensagem lida por Frei Beto perante a conferência convocada por Castro para discutir a questão da dívida, dom Paulo lamenta não estar presente para "apresentar as suas reflexões à luz do Evangelho de Cristo, da doutrina social da Igreja e das palavras do papa João Paulo II".

Em seu documento, que recebeu aplausos de Castro e do auditório, o arcebispo afirma: "1) Não há possibilidade de que o povo da América Latina e Caribe se responsabilize pelo peso do pagamento das dívidas colossais contraídas por nossos governos. Não é viável continuar pagando os altos juros com sacrifício de nosso desenvolvimento e bem-estar; 2) O problema da dívida, antes de ser financeiro, é fundamentalmente político e como tal deve ser encarado. Por isso, o que está em jogo não são as contas dos credores internacionais, mas a vida de milhões de pessoas que não devem sofrer consequências que trazem a miséria e a

morte; 3) Os direitos humanos exigem que todos os homens de boa vontade do Continente e do Caribe, todos os setores responsáveis se unam na busca urgente de uma solução realista para o problema da dívida externa como forma de preservar a soberania de nossas nações e resguardar o princípio de que o compromisso principal de nossos governos não é com os credores, mas com os povos que representam; 4) A defesa intransigente do princípio de autodeterminação de nossos povos requer o fim da interferência de organismos internacionais na administração financeira de nossas nações. Considerando que o governo é coisa pública, todos os documentos firmados com tais organismos devem ser de imediato conhecimento da opinião pública; 5) É urgente o estabelecimento de bases concretas para uma nova ordem econômica internacional, na qual sejam suprimidas as relações desiguais entre países ricos e pobres e assegurado ao Terceiro Mundo o direito inalienável de dirigir seu próprio destino, livre da ingerência imperialista e de medidas espoliadoras nas relações do comércio internacional".

Depois de enumerar esses pontos, o arcebispo de São Paulo diz esperar um grande êxito para a conferência. Frei Beto, após a leitura, lembrou um antigo costume hebreu se-

gundo o qual a cada sete anos as dívidas que provocavam alguma forma de injustiça ficavam automaticamente anuladas. Ele defendeu "a ida para as ruas do debate da dívida externa em um movimento que congregue operários, camponeses, estudantes, mulheres, negros e partidos políticos."

Frei Beto disse que "o Brasil é o campeão da dívida externa e que cada criança brasileira já nasce com uma dívida de mil dólares". Estimulou o auditório a "ter fé porque em Sierra Maestra havia apenas um punhado de homens para derrubar Batista e o mesmo vale para os sandinistas em relação a Somoza". Dirigindo-se diretamente a Fidel Castro, Frei Beto afirmou: "Admiro a fé do comandante e é preciso ter fé para enfrentar o problema da dívida. Esse é um problema de soberania de todo o Continente".

Ao convocar a conferência de cúpula sobre a dívida, Fidel Castro esperava reunir em Havana dirigentes e ministros de vários países do Continente, mas nenhum dos chefes de governo convidados aceitou a proposta. Os países latino-americanos mais endividados estão decididos a resolver o problema com base nas propostas aprovadas na reunião de Cartagena, que defendem uma solução negociada.